

Pai adolescente: quem é ele?*

3

Ellika Trindade*
Maria Alves de Toledo Bruns**

De repente a garota diz: “Estou grávida” ao namorado ou parceiro. Qual seria, no caso, a reação da jovem? Como conviver com a notícia muitas vezes inesperada? “Como para meus pais?” “Que irão eles pensar?”

Essa e outras perguntas, sera dúvida, passam pela cabeça de muitos garotos e garotas que, ao vivenciarem seus relacionamentos efetivos, mantendo relações sexuais desde os 13, 14, 15 anos, acabam por deparar-se com o inesperado da gravidez que, quase sempre, é indesejada ou ao menos não planejada. Diante da concretude do fato, o adolescente indaga o que fazer. Essa indagação é antes, com certeza, um pedido de socorro.

* Este artigo compõe parte da pesquisa de mestrado *Eu, Pai?! A paternidade na adolescência e seu significado* desenvolvida na FFCLRP-USP e financiada pela FAPESP.

** Erika Trindade é psicóloga, mestranda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP.

*** Maria Alves de Toledo Bruns é pedagoga, doutora em Psicologia Educacional, docente do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP.

Recebido em 09.09.97

Aprovado em 20.09.97

É do conhecimento de todos, seja por intermédio das novelas, pelos telejornais e mesmo por trabalhos publicados por profissionais da saúde ou da educação, que os adolescentes estão hoje permitindo-se relações sexuais com idade cada vez menor.

A erotização da vida cotidiana, freqüente nas propagandas, nas novelas e nos filmes, bem como o fácil acesso à Internet e outras vias de comunicação, contribuem para despertar a curiosidade e criar o fascínio pelo sexo, por parte não só dos adultos, como de jovens e crianças. Ressalta-se somente o lado prazeroso da atividade sexual sem alertar para nenhum embaraço que tal atividade possa causar. Trata-se de uma campanha de desvirtuação dos jovens insidiosa: não se alerta para as conseqüências de uma gravidez ou de doenças sexualmente transmissíveis.

Nesse contexto, a sexualidade é experienciada desavisadamente, em razão do que o número de jovens que se tornam pais é crescente. Considere-se o censo de 1981, o qual revela que o número de mães adolescentes, entre 13 e 18 anos, é de 1 milhão para um total da população de adolescentes no Brasil de 15 milhões, aproximadamente. O número de rapazes que são pais, de acordo com estimativas de órgãos que atendem mães adolescentes, também não é menos expressivo, embora menor: em torno de 300 mil (LAGOA, 1991). Essa estimativa leva-nos a supor que muitas adolescentes têm como pais de seus filhos homens adultos. Não conhecemos estatísticas que revelem os números reais de pais adolescentes a adultos que são parceiros de jovens mães. Entretanto, pelos números que acabamos de citar, é possível supor que existam aproximadamente 700 mil homens que são pais adultos, parceiros de mães adolescentes. Assim, faz-se necessário evidenciar a relevância de atentarmos não apenas para a jovem mãe, mas também para seu parceiro.

Desse modo, neste artigo, voltaremos nossa reflexão ao pai adolescente, visto acreditarmos que se faz necessário conhecer esse lado velado da mesma moeda, uma vez que o número de rapazes que se tornam pais no Brasil é altamente significativo. Nesse sentido, por que pouco se fala a esse respeito? Onde estão esses moços? Por que somente acerca da jovem mãe as publicações científicas e de divulgação levantam considerações?

É fato por nós conhecido que a sociedade ocidental valoriza muito mais a atuação da mãe, ou outra figura feminina próxima, no cuidado e educação dos filhos. “Filho é coisa de mulher.” Acostumados a ouvir essa frase, seja na escola, seja na rua, e observando a atuação dos homens que lhes são próximos, como o pai, tios, professores, pais de amigos, entre outros, os garotos vão crescendo e introjetando a idéia de que a responsabilidade em relação ao ter filhos, cuidar deles e educá-los

não é sua. É essa a noção que demarca a identidade de gênero dos homens que lhes são próximos, consoante já apontamos. Os garotos vão crescendo e internalizando a idéia de que a masculinidade não tem relação com a paternidade. Já as garotas são educadas para serem mães e, além disso, a relação com a própria mãe é muito próxima, fazendo com que a identificação seja mais marcante. O processo de formação de identidade de gênero dos rapazes é mais complexo na medida em que, apesar de também serem educados por uma figura feminina, geralmente a mãe, têm de vivenciar a separação, já que, para se tornarem homens, devem diferenciar-se da mãe.

Permeado por esse complexo contexto de formação da identidade de gênero, os garotos vão percebendo que, no mundo à sua volta, de modo predominante cabe à mulher o cuidado dos filhos. Além disso, o próprio fato de ter um pai ausente, faz com que o seu papel de futuro pai seja permeado pela idéia de que não precisa envolver-se com preocupações em relação a ter filhos, já que essa tarefa lhe foi ensinada como feminina.

Essa não é uma posição única encontrada em nossa sociedade, mas, sem dúvida, é uma das mais marcantes. Nesse sentido, por volta dos 12, 14 anos, ao iniciar suas relações sexuais, o jovem, da maneira como foi e tem sido orientado, dificilmente vai combinar com a parceira o modo como podem evitar uma gravidez. O silêncio ainda envolve o relacionamento entre os adolescentes, bem como a aproximação com seus pais ou outros adultos acerca da sexualidade.

Contestar-se-á, talvez, tal idéia, dizendo: “Mas os jovens de hoje não são inocentes. Até uma criança, em nossos dias, sabe como uma mulher fica grávida ou o que se deve fazer para evitar as doenças venéreas”. Sem dúvida, muitas e variadas informações povoam o cotidiano de todos nós. A televisão, o jornal, o rádio e outros meios até mais sofisticados de comunicação estão presentes em muitos lares brasileiros e são responsáveis pela maior parte das informações que nos impingem. Porém é importante refletirmos: De que modo jovens e crianças recebem essas informações? Saberão relacioná-las com o seu dia-a-dia? Com suas relações afetivas? E mais: será que os adultos o fazem, demonstrando seu exemplo aos filhos ou educandos? Essas são perguntas importantes, dado o número de jovens mães e pais que vemos à nossa frente diariamente em número bastante significativo. Além disso, quando a gravidez se concretiza, vem à baila apenas a sorte da jovem, tal como lembramos anteriormente. Muitos iniciam o julgamento, questionando por que ela não se cuidou, que a jovem deveria ter sido mais responsável, que não devia ter sido levada pelo desejo... E quanto ao jovem? Não lhe cabe culpa alguma? Pode ele vivenciar o prazer

sem responsabilidade? E o que tem ele a dizer acerca da possibilidade de uma de suas parceiras engravidar? E quando a gravidez ocorre, como vivencia ele esse momento? E seus familiares, como reagem?

Em estudos por nós realizados, constatamos a dificuldade de encontrar rapazes que fossem pais e se dispusessem a falar acerca dessa vivência.

Mesmo assim, foi possível ouvir alguns jovens pais, permitindo-nos ampliar nossa visão sobre esse aspecto da existência ainda hoje pouco examinado, porque pouco compreendido: a paternidade na adolescência.

Muitos são os rapazes que, diante da gravidez da parceira, a abandonam simplesmente. Não existem estatísticas acerca desse problema, porém o número de mães solteiras atesta o fato, embora a esse respeito também não haja estatísticas conhecidas por nós. Em relação a esses rapazes, uma vez que não permanecem com as parceiras, fica dificultado entrevistá-los de modo a compreender sua visão acerca do que é ser pai. É possível apenas supor que essa vivência, por qualquer motivo, não lhes é favorável, já que deixam ao encargo das parceiras toda a responsabilidade do filho.

E os que permanecem com a jovem? Como vivenciam a paternidade? Com o intuito de compreender esse fenômeno, entrevistamos jovens pais dispostos a falar de suas experiências.

Um dos aspectos ressaltados pelos jovens entrevistados foi em relação às mudanças que ocorreram em suas vidas com base na constatação de que a namorada estava grávida. Os discursos a seguir expressam que a vivência da paternidade não é fácil para esses rapazes.

Daniel* jovem de 18 anos, cujo filho tinha um mês de vida no momento da entrevista, expressa essa dificuldade da seguinte maneira: “(...) *eu não sei o que fazer tem horas (...) tá muito difícil*”. E acrescenta: “*de certa forma cortou muita coisa...*”. Paulo, também com 18 anos, cuja namorada estava grávida de 6 meses quando foi entrevistado, afirmou igualmente ser difícil ser pai nesse momento, pois “(...) *muda muito eu não tô me sentindo bem*”.

Esses relatos evidenciam que vivenciar a paternidade aos 18, 19 anos pode não ser fácil na medida em que muitas mudanças são experimentadas. Além das modificações que ocorrem na vida presente, os planos para o futuro também se alteram, uma vez que passam a incluir agora a vida com a garota e com o filho. A fala de Daniel expressa bem claramente

* Os nomes utilizados nesse artigo são fictícios de modo a preservar a identidade dos entrevistados.

esse aspecto: “(...) *muita coisa que eu queria pra mim... já não vai ter mais jeito*”. A própria relação com os familiares também muda, pois é necessário um reajuste às novas condições. Daniel diz: “*Eu pensava que eu ia ter o apoio do meu pai (...) só tive da minha mãe (...)*”.

Nesse sentido, é possível perceber que a paternidade na adolescência traz alterações significativas na vida dos rapazes, fato que nos leva a considerar que é muito importante ouvirmos o que esses jovens pais têm a dizer, de modo a podermos pensar em maneiras de auxiliá-los em suas dúvidas, dificuldades e também compreender como vivem esse acontecimento em suas vidas. Mas, mais do que ouvi-los, após tornarem-se pais, é necessário o diálogo, a abertura ao longo de toda a infância e adolescência, de modo que os jovens possam experimentar as relações sexuais de maneira responsável, sem culpa.

Marcada por uma moral dúbia, pelo “segredo” acerca da sexualidade, nossa sociedade acaba por fazer com que os jovens vivenciem suas relações sexuais sem assumir responsabilidades, especialmente os rapazes, os quais atribuem à garota o dever de prevenir-se quanto à gravidez indesejada, já que é ela quem fica grávida.

Devemos criar situações em que o rapaz passe a perceber-se como responsável por seus próprios atos. Ao namorar uma garota, ou ao “ficar” com ela, o rapaz deve ter a prática do diálogo junto à parceira, pensando também nas mudanças que podem vir a ocorrer em sua própria vida, caso a garota fique grávida. Deve ver-se com co-responsável em relação à possibilidade de uma gravidez.

É claro que não será de uma hora para outra, nem apenas ouvindo dos adultos que deve tornar-se responsável ou, ainda, dialogando com a parceira, que o jovem irá mudar de atitude. Afinal, seus pais também agem de modo pouco responsável, muitas vezes. O problema, em verdade, está posto mais longe: é problema cultural.

Mais do que nunca há necessidade de que nós, adultos, revisemos nossas práticas cotidianas no que se refere a nossos relacionamentos afetivos, com nossos parceiros, filhos ou alunos, de modo que, pelo diálogo, pelo questionamento, possamos vir a agir de maneira mais autêntica e, assim, ensinarmos aos jovens que os filhos são também de responsabilidade masculina e que ser pai adolescente, quando não foram acontecimento esperado, pode ocasionar modificações profundas no rumo desse jovem pai.

Para que os jovens venham a sentir-se co-responsáveis pela gravidez da parceira, é necessário um repensar acerca do modo como nós, adultos, educamos nossos jovens, ou como assumimos nossa realidade sexual. A reconstrução do papel dos gêneros masculino e feminino, mal definidos

em nossa sociedade hoje, deve ser levada a sério, conscientizando-se o jovem de que também ele é responsável pela gravidez da companheira, cabendo-lhe parte da criação e educação do novo ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (1981) *Adolescência normal*. Porto Alegre, Artes Médicas.
2. BERNARDI, M. (1985) *A deseducação sexual*. São Paulo, Summus.
3. BRUNS, M. A. T.; TRINDADE, E. (1995) Gravidez na adolescência: Do problema à compreensão. *Revista Viver Psicologia*, ano 35, p. 14-15.
4. CHAUI, M. (1984) *Repressão sexual -Esta nossa (des)conhecida*. São Paulo, Brasiliense.
5. DUPUIS, J. (1989) *Em nome do pai: Uma história da paternidade*. São Paulo: Martins Fontes.
6. ERIKSON, E. (1971) *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, Zahar.
7. HELENA, L. (1995) A paternidade antes da maioridade. *O Globo*, Caderno Rio, p. 33, 23/07.
8. LAGOA, A. (1991) Meninas e grávidas. *Nova Escola*. São Paulo, ano VI, n° 52: 10-25, outubro.
9. OSÓRIO, L. C. (1989) *Adolescente hoje*. Porto Alegre, Artes Médicas.
10. PARSEVAL, G. D. de (1986) *A parte do pai*. São Paulo, L&PM Editores.
11. TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. (1996) Era isso o que eu queria? Um estudo da maternidade e da paternidade na adolescência. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v. 7, n° 2: 167-186.